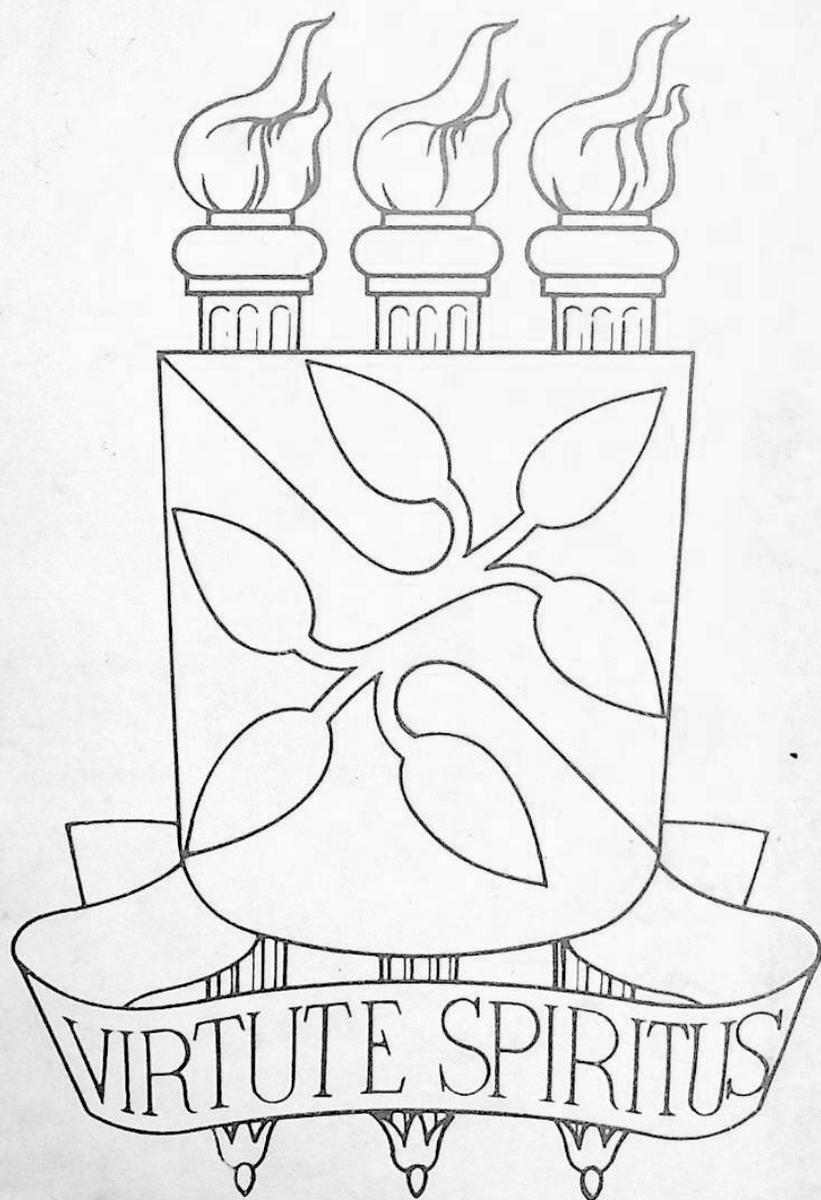


JORGE AMADO

DOCTOR HONORIS CAUSA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA



JORGE AMADO
DOCTOR HONORIS CAUSA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

COLEÇÃO "HONORIS CAUSA"
NÚMERO 1

SALVADOR, BAHIA, 1980

ÍNDICE

- 1 Apresentação do Magnífico Reitor da UFBA, Dr. Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa.
- 2 Mensagem de Sua Excelência o Ministro da Educação e Cultura, Dr. Eduardo Portella.
- 3 Discurso de saudação do Professor Cláudio Veiga, Diretor do Instituto de Letras da UFBA.
- 4 Discurso de agradecimento do escritor Jorge Amado.



Doutor Jorge Amado e o Magnífico Reitor Dr. Luiz Fernando de Macedo Costa.

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO*

“A outorga do título de Doutor Honoris Causa ao eminente escritor Jorge Amado é a expressão formal da admiração que a Universidade vota à sua obra, há muitos anos atrás”.

“Em verdade, aqui a fama precedeu o escritor, a obra se antecipou ao artista, as personagens chegaram antes do autor. E essa deve ser a realização suprema para o trabalho intelectual do ficcionista”.

“A cerimônia de entrega deste título é uma festa da própria Bahia, que, dessa maneira agradece e retribui, ao filho dedicado, os cânticos de amor que ele sempre lhe entoou, ao longo de toda sua obra. E a Universidade está feliz por ser a fiel intérprete dos sentimentos da sua gente”.

“Nesta solenidade, pois, a Bahia consagra os méritos do seu escritor maior, pela voz legitimadora do Instituto de Letras e lhe outorga o título de Doutor Honoris Causa, pelas mãos autorizadas da sua Universidade”.

**Trechos do pronunciamento do Magnífico Reitor Macedo Costa, ao encerrar a sessão. Cerimônia de entrega do título no Palácio da Reitoria em 31/7/80.*

**MENSAGEM DO MINISTRO
EDUARDO PORTELLA**

PROFESSOR LUIZ FERNANDO SEIXAS DE MACEDO
COSTA = SALVADOR-Ba

169/80 PT

PEÇO DIZER A JORGE AMADO QUE VG DA TRIPLICE
CONDIÇÃO DE AMIGO VG QUE VIVE DE PERTO A SUA
INSUPERAVEL GRANDEZA HUMANA VG DE CRITICO LITERA-
RIO QUE IDENTIFICA EM SUA OBRA UM DOS GRANDES
MOMENTOS DA CRIATIVIDADE BRASILEIRA VG ET DE
MINISTRO DE ESTADO QUE RECONHECE O QUANTO LHE
DEVE A NAÇÃO POR TER ELEVADO O SEU NOME DENTRO ET
FORA DE SUAS FRONTEIRAS VG TRAGO MINHAS EXPRESSOES
ENFATICAS DE SOLIDARIEDADE A UNIVERSIDADE FEDERAL
DA BAHIA PELA OPORTUNA ET JUSTA CONCESSAO TITULO
DOUTOR HONORIS CAUSA VG CONSAGRANDO CONDIÇÃO JA
LHE PERTENCIA PT SDS

EDUARDO PORTELLA



O Professor Claudio Veiga, Diretor do Instituto de Letras da UFBA ao saudar o escritor Jorge Amado, Composição da Mesa na solenidade, da esquerda para a direita Ten. Cel. Camerino de Araújo Filho representando sua Excelência o Dr. Antonio Carlos Magalhães, Governador do Estado da Bahia, General Gustavo de Moraes Rego Reis, Comandante da 6ª Região Militar, escritor Jorge Amado, Dr. Luiz Ferrando Seixas de Macedo Costa, Magnífico Reitor da UFBA, Vice Almirante Dilmar de Vasconcelos Rosa, Comandante do 2º Distrito Naval, Professora Zilma Parente de Barros, Representante de Sua Excelência o Dr. Eduardo Portella, Ministro da Educação e Cultura e o Acadêmico Herberto Salles, Diretor do Instituto do Livro e representante da Academia Brasileira de Letras.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO

DISCURSO

Professor Cláudio Veiga

Senhor Doutor Jorge Amado

Quando, em 1936, veio a lume o vosso livro *Mar Morto*, em meio à acolhida calorosa que obteve aquela publicação, Mário de Andrade conferiu ao jovem romancista o grau de *doutor em romance*. De então para cá, firmado e acrescido vosso conceito, no Brasil e no exterior, o que surpreende não é que o *doutor em romance* se torne agora *doutor honoris causa* pela Universidade Federal da Bahia, mas que somente agora tal aconteça.

Dentre os elementos que propiciaram a vossos romances o êxito largo e reconhecido, vários poderiam ser destacados, desde a transfiguração poética da realidade até as matizadas solicitações ao riso. Mas o que nos sensibiliza sobremaneira é que vossos livros se prendem a um mundo que nos é familiar. A Bahia é a peanha que sustém vossa produção tão colorida, pujante e movimentada, à semelhança de nossas imagens barrocas. Em vossos livros, cuja ação se desenrola num passado não muito distante, se projeta, com pequeno recuo, a paisagem da velha capital e de algumas regiões do Estado; depois, neles revive a gente baiana, sobretudo as camadas desfavorecidas; por fim, são animados por generosa inspiração que tem Castro Alves como fiador

I

Quando a Bahia era ainda capital do Brasil, mereceu de um

poeta nosso estes versos:

Oh! veja eu assolada
Cidade tão triste e má,
Avesso de todo o mundo,
Só direita em se entortar.

É com outros olhos que considerais esta cidade. O último capítulo de vosso livro *Bahia de Todos os Santos* se intitula *Canto de Amor à Bahia* e este pode ser o título geral para grande parte de vossa obra em que as declarações de amor se sucedem numa afetuosa ladainha: "Esplêndida cidade, noiva do mar, senhora do mistério e da beieza".

Derrama-se, com efeito, em vossas páginas, o mistério e a beleza da cidade, não sendo, no entanto, escamoteados os aspectos comprometedores. Não alardeais, em vossos romances, um deslocado ufanismo. Neles se manifesta um consciente bem-querer, até pelas rugas da amada. Nos velhos sobrados, amontoa-se a miséria, mas em uma de suas águas-furtadas se encontra o refúgio de saber e amor de Pedro Arcanjo.

Lendo vossos livros, percorre o leitor as ruas e ladeiras da Bahia, detendo-se particularmente no Pelourinho, resumo da velha urbe, templo e escola da sabedoria popular, nas vizinhanças da centenária Faculdade de Medicina.

Construída na encosta, a cidade é complementada pelo mar. Limite entre um e outro, está o ancoradouro com suas tavernas como o *Farol das Estrelas* ou *Lanterna dos Afogados*. De um lado se estendia o areal, paraíso dos amorosos e dos capitães de areia. Além, é o mar dos saveiristas, dos pescadores e do bravo comandante de opereta, o mar com suas ondas cortadas pela navegação interna e externa. Carregando em seu dorso os saveiros e os calhambeques da Baiana, as águas, por meio do rio Paraguaçu, se prolongam até Cachoeira e São Félix, onde o fumo faz sentir seu perfume adocicado. Em direção do oceano, alguns aventureiros deixam a rumorosa cidade em busca de portos distantes, sendo o destino mais comum a cidade de Ilhéus, pórtico da zona do cacau. Das águas que banham a

Bahia e cujo verdor é insistentemente evocado em *Mar Morto*, transpômo-nos ao farfalhante oceano amarelo que, em *São Jorge dos Ilhéus*, são as roças de Cacau.

Aquelas *terras do sem fim*, privilegiada região da Bahia, são, como acentua a tradução francesa, uma *terra violenta*. E os que a conquistaram partiram para lá como o vôo de falcões do conhecido soneto de Heredia: "ébrios de um sonho heróico e brutal". A terra foi ganha palmo a palmo. À medida que a floresta recuava, o chão cobijado era adubado com sangue humano para sustentar a árvore exigente cujos "frutos, conforme se lê em um de vossos primeiros textos, lembram lâmpadas de oiro de catedrais antigas".

Em outras regiões menos afortunadas da Bahia, não é o homem que violenta o solo para fazê-lo produzir a riqueza e o progresso, mas que luta para preservar os últimos redutos de uma natureza edênica, ameaçados pela poluição, pelo progresso desvairado. Por fim, descortina-se outra natureza, a caatinga e o rio São Francisco, via crucis daqueles que, tangidos, partem em busca de terras da promessa.

Nessa geografia baiana que se desdobra em vossos romances, serviriam, talvez, de símbolo o sobrado ou o saveiro, a árvore de ouro, o mandacaru, um coqueiral nas dunas.

II

Se, de um lado, em relação à paisagem, não tendes receio de lançar mão do fecundo analogismo antropomórfico, por outro lado, em relação às criaturas que habitam aqueles cenários, não vos revelais um desnaturado romancista maltusiano. Uma vasta população se movimenta nesse mundo familiar.

Aquele povo, numeroso e humilde, vai ser preso pela engrenagem de uma vida adversa. Nem tudo é, pois, luminoso no quadro que ofereceis, cabendo ao homem e à mulher, a adultos e crianças, uma dura partilha. Nas moradias, nos locais de trabalho, nas andanças, salta aos olhos o desconforto de suas vidas. A fome, por exemplo, é conhecida companheira. Sua presença se estampa

expressivamente em *Cacau*, em cujas páginas, à imagem de Jesus multiplicando os pães se sobrepõe a figura insensível do padeiro. E, embora a doença não poupe os ricos. é mais assídua visitante dos mal-afortunados. A maleita e as febres assolam os trabalhadores das terras do cacau e os flagelados. Depois de os retirantes escaparem à fome e as doenças da caatinga, são vitimados pela comida copiosa dos navios do São Francisco. E, quando Omolu solta a bexiga para castigar a cidade dos ricos, estes, imunizados com a vacina, desapontam a ingênua divindade africana que, para não voltar de mãos vazias, é compelida a imolar os pobres. Um funesto bestiário acompanha a pobreza: na caatinga — o urubu, na mata — a cobra, no rio — a piranha, no mar — o tubarão.

Duramente castigados, causa admiração a resistência que anima os desafortunados. Em sua firmeza conseguem construir alguns oásis. É significativa a presença daquele mágico maltrapilho que, em *Seara Vermelha*, em meio da penosa caminhada dos retirantes, talados pela fome, pela sede, pelo cansaço e pela morte, oferece um espetáculo que desanuvia semblantes tão desfigurados. A arte lhes serve de viático.

As despreziosas oleogravuras, vendidas pelos mascates, proporcionam, através de vossos romances, evasões e devaneios. Certos personagens se ensaiam na pintura. Um canoeiro do cais do porto, com suas tatuagens, imprime nos companheiros âncoras e corações. Um capitão de areia, depois de fazer desenhos pelos passeios da cidade, se tornará um pintor de renome. Em *Tenda dos Milagres*, Lídio Corró é inspirado riscador de quadros piedosos.

Também não lhes é estranho o gosto pela literatura. Vários são os personagens que apreciam os chamados ABC, aventuras alfabeticamente romanceadas de figuras como Lampião, Lucas de Feira e outros. Balduino, em *Jubiabá*, além de ser admirador dessa literatura, se esforça por merecer também um ABC. Ele mesmo escreve sambas.

É a música, sem dúvida o principal entretenimento de vossos escarmentados heróis. A modulação de um realejo se espalha, em surdina, invadindo as embarcações e o mar. As violas gemem, as

harmônicas se desesperam e se contorcem como as dores de um parto. E nas macumbas, conforme descreveis, ouve-se “uma música enervante, saudosa, música velha como a raça, que (sai) dos atabaques, agogôs, chocalhos, cabaças”. Ouvem-se canções nas barcas do São Francisco, nos saveiros da Bahia, nos navios estrangeiros. De uma velha fortaleza chega uma voz de homem cantarolando que é doce morrer no mar. E a canção que entoia a mulher amada guia o vento para as velas soltas do saveiro. Por fim, a música se associa à dança, desde os ternos às evoluções do candomblé.

É natural que o amor também encontre guarida entre os desfavorecidos, já que, segundo escrevestes: “O amor é tudo na vida do homem: quando ele aparece é como se o mundo se transformasse, como se tudo se cobrisse de rosas, como se a atmosfera se perfumasse, como se os homens ficassem melhores”. No entanto, se a abundância de recursos não impede que a tragédia e o grotesco se instalem no amor dos ricos, é mais comum e verdadeiro que, de acordo com o provérbio, o amor não se dê bem com a pobreza. Esta poderá ser por demais nefasta ao nascimento e sobrevivência do amor, comprometendo a sua natural união físico-psíquica.

Faz-se, todavia, em vossos livros abundante e variada colheita do amor, destacando-se talvez, entre outros, dois casais cuja afeição é mais forte que a morte: Guma e Lívia, Antônio Vítor e Raimunda. Os dois primeiros têm seu amor embalado nas ondas do mar. Na terra do cacau se enraíza o amor dos dois últimos. Em *São Jorge dos Ilhéus*, o casal tomba defendendo a terra que lhe pertencia e lhe foi roubada. Em *Mar Morto*, Lívia, transformando-se em saveirista, cortará as ondas em que desapareceu o companheiro.

Naquelas existências maltratadas, além da arte e do amor, brilha a imagem da liberdade que se projeta como esperança, às vezes, violenta, ou como decidida opção. A busca e a fruição da liberdade.

Para alguns, o pórtico da redenção abrir-se-ia com a morte, seja por atacado, com o iminente fim do mundo previsto, nos sertões, pelos beatos ou desejado pelo pequeno capitão de areia, aprendiz de

anarquista, seja a morte a varejo. Esta, situada num contexto cristão, um tanto distorcido, traria aos pobres, segundo o sacerdote amigo dos menores abandonados, a indenização ou revanche do reino dos céus. Na concepção de saveiristas e pescadores, com a morte viria a felicidade nos braços de Iemanjá, “(valendo) o afogamento, diz um romance, essa vida porca que eles levam no cais”. Mas há esperanças aquém da morte libertadora, esperanças para esta vida. É, por exemplo, o milagre de Deus ansiosamente esperado pela professora de *Mar Morto*. Cansada em sua expectativa, passa a desejar que, nesta vida, o milagre se opere por meio dos homens, esperança decididamente compartilhada por vários personagens, naquele e noutros romances.

Além da libertação procurada, existe uma liberdade que alguns proclamam ou vivem às escâncaras. É a atitude daqueles que, em diferentes situações, têm fome tanto de pão quanto de liberdade, posição já traduzida na velha fábula de La Fontaine em que se defrontam um lobo esfaimado, mas livre, e um rafeiro bem nutrido que se compraz na escravidão. Tal fome de independência, experimentada por aqueles que Roger Bastide, no prefácio de *Quincas Berro d'Água*, denomina — *vagabundos da liberdade*, já se manifesta em vossos primeiros textos e em pequenos marginais. Em *Suor*, os moleques dos Quinze Mistérios “julgavam-se livres — sem escola e sem primeira comunhão, sem sapatos rangedores e sem banho diário, de vida nem sempre farta, mas em compensação, alegre e divertida”. E os capitães de areia preferiam, acima de tudo, “a aventura da liberdade nas ruas da mais bela das cidades do mundo, nas ruas da Bahia de Todos os Santos”.

Talvez coubesse aqui uma ligeira referência aos vocábulos brejeiros e marginais que, em liberdade e sem acanhamento, perambulam, às vezes, em vossos romances, causando, quem sabe, tanto vexame quanto o que provocava Quincas Berro d'Água e seus alegres amigos à sua empalhada família. A tais palavras talvez tenha chegado a voz de Victor Hugo que, lembrado da Revolução de 89, declarou os vocábulos livres e iguais. Tolher ou não propiciar a liberdade dos desfavorecidos é sem dúvida alguma muito menos divertido que desencarcerar palavras do povo.

Desse modo, por entre as sombras que, em vossos romances, envolvem a existência de humildes conterrâneos, acendem-se teimosos clarões, desde o gosto pela arte à magia da liberdade.

III

Enquanto para alguns romancistas de nossos dias não é o engajamento que é revolucionário na literatura, mas o próprio ato de escrever ficções, abandonando-se, dessa maneira, a escrita da aventura pela aventura da escrita, não enveredastes em tal caminho. Na recriação de uma realidade conhecida, sois animado por generosa inspiração. Abordando temas imediatamente políticos ou políticos porque a temática é social, e vindo a privilegiar a arma do riso, ficastes fiel a vosso engajamento. Recentemente explicastes a vossa fidelidade: "Na literatura e na vida, sinto-me cada vez mais distante dos líderes e dos heróis, mais perto daqueles que todos os regimes e todas as sociedades desprezam, repelem e condenam".

Lutais, portanto, contra a servidão dos desprezados, dos repelidos, dos condenados, lutais por aqueles em cuja vida é considerável o saldo de misérias. Com as peculiaridades de vossa produção, juntais vosso clamor ao daqueles que, na literatura, denunciam inaceitáveis distorções, posição exemplarmente assumida por Castro Alves em sua poesia.

Entre aqueles por quem vos bateis se encontram, obviamente, os trabalhadores, seja na terra espoliada, seja na terra que exaure quem a conquista e cultiva, seja em indústrias incipientes ou nos perigos do mar. Entre os trabalhadores estão as operárias.

Mas é na venalidade do amor, tema abordado por tantos romancistas, que a situação da mulher merecerá especial tratamento de vossa parte. Não desenvolveis o tema de modo melodramático, mas o considerais com uma percepção compassiva que se manifestaria de dois modos. Tratar-se-ia de uma servidão, de uma injustiça comparável à indigente condição operária, daí a expressão que se lê em um de vossos romances: "pobres operárias do sexo". Em outra parte, vêmo-las a *disputar heroicamente a vida*, segundo

expressão textual. Encarnaria esta sujeição uma retirante de *Seara Vermelha*: para salvar a família, sacrifica-se na prostituição, gesto que, sem despropósito, lembraria o daquela heroína de Claudel que, em sua abnegação, contraiu conscientemente a lepra física. Mas haveria outra visão do problema, outra maneira de perceber as chamadas *desinfelizes*. Em vez de considerardes aquele fenômeno social em si mesmo, sugeris uma comparação: quem é mais plausível, por exemplo, Tieta, a cortesã bem sucedida ou sua irmã Perpétua, caricatura da honradez? O pecado alegre e assumido seria menos escandaloso do que uma integridade apregoada, mas agressiva e irreal. Aliás, figuras como Tieta, Tereza Batista ou Gabriela são avessas à noção de pecado, pertencem a um mundo prazenteiro, anterior ao pecado original. Não caberia em suas existências a reviravolta, a metamorfose de uma Tháís. Vivendo num mundo assolado pelo *mal social*, não lhes dá preocupação o *mal metafísico*. Os vilões, em vossos romances, não se encontrariam entre as prostituídas, nem entre os broncos matadores, mas entre os fariseus, os que exibem uma fictícia superioridade moral.

Outra servidão que denuncia é a que pesava, entre nós, sobre a antiga religião dos escravos. A liberdade de culto que, em nossos dias e em outros climas é pedida para outras religiões, vós a reivindicais, em vossos romances, para a religião que nos veio da África. Porque, há bem pouco tempo, na Roma negra, as catacumbas se encontravam nos candomblés, perseguidos quase oficialmente. Os terreiros eram invadidos, os objetos do culto recolhidos à polícia. Salvá-los foi uma das aventuras dos capitães de areia e enfrentar os perseguidores foi uma das proezas de Pedro Arcanjo.

Em vossa luta contra a servidão, criais a figura daquele sacerdote, de origem operária, que, para escândalo de superiores e do beatério, soube, em seu apostolado, identificar-se com pequenos marginais. E, vindo a falar, na mesma página, do primeiro bispo do Brasil e do Pe. Antônio Vieira, não vos sensibilizou em demasia o substancioso martírio de D. Pero Fernandes Sardinha: atento aos cuidados de nossa culinária, apenas reparastes que o venerando antístite fora devorado pelos caeté: — sem tempero. Mas, em relação ao grande jesuíta, *Imperador da língua portuguesa*, segundo Fernando Pessoa, vós o aplaudis por ter levantado, mais de uma vez,

sua voz, em defesa do índio e do negro.

Vossa defesa do negro é explícita, sendo simbólica a freqüente evocação do Zumbi dos Palmares que, em *Jubiabá*, merece um ABC e, transformado em estrela, brilha no céu. Em dois destacados duelos reabilitais o homem de cor. O primeiro, em pleno apogeu do racismo ariano, é a luta de boxe do negro Balduino com um pugilista germânico. O outro é a polêmica de Pedro Arcanjo com um discípulo baiano de Gobineau, o catedrático Nilo Argolo.

Na luta contra o preconceito racial e contra a discriminação religiosa, chegais a realidades locais, soluções de cordura e bom viver: a miscigenação e o sincretismo religioso. Com efeito, vossa defesa do negro não vai até o racismo às avessas. Na conclusão de *Jubiabá*, o que preocupa o herói do romance não é a epiderme do negro, do branco ou do mulato, mas a comum escravidão que pode acorrentá-los. Com o racismo em sentido contrário, ficaria sem rumo nem pousada um elemento genuíno, conforme faz ver o narrador em *Tenda dos milagres*: "Jamais conseguisaber onde o violento líder da negritude nacional situaria os mulatos". E no mesmo romance, realizam-se dois casamentos inter-raciais: a filha da negra Rosa de Oxalá se casa com um descendente de imigrantes franceses. E o filho da negra Dorotéia se casa com uma jovem oficialmente branca.

No que se refere ao sincretismo religioso, vossas ficções retratam imaginosa e manifestamente a interpenetração de catolicismo e candomblé. Com afetuosa matemática, insinuais que o nome de conhecido logradouro — Terreiro de Jesus — bem poderia ser o resultado da seguinte operação sincrética: Adro de Jesus mais Terreiro de Oxalá. E para inúmeros personagens inexistente fronteira entre a religião dos colonizadores e a dos escravos: Lívia implora alternadamente Nossa Senhora e Iemanjá, a uma oferecendo sabonetes e a outra, algumas velas.

Miscigenação e sincretismo religioso estão singularmente compendiados em personagens de *Tenda dos Milagres e Pastores da Noite*: um racista encarnando a mistura de raças e um consciencioso sacerdote católico ilustrando a fusão religiosa. O catedrático Nilo Argolo, sem o saber, traz no sangue aquele entrelaçamento que ele próprio estigmatiza: um esquecido tetravô era escravo. O Padre Gomes, vigário do Pelourinho, também ignorava que alguns

ascendentes seus eram ligados à macumba. E não se lembrava mais de que, na distante meninice, havia freqüentado o candomblé. Com tais precedentes, Ogum se julgou autorizado a entrar-lhe pela cabeça em plena liturgia católica.

A cordial constatação das soluções remansosas constituídas pela miscigenação e pelo sincretismo confirma vossa posição contra o preconceito racial e religioso, combate que não é o único em que vos empenhais em vossos romances.

Senhor Doutor Jorge Amado

As paisagens e a população de vossa terra não vos deixaram insensível em vossa atividade de escritor. Da mesma maneira, não ficastes indiferente àquele que, segundo vosso discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, é "a estrela maior do céu baiano, o poeta Castro Alves, estrela matutina da liberdade". Bem cedo granjeou vossa admiração o Cantor dos Escravos. Correndo, pois, entre vossos companheiros de internato, a lenda de que a alma de Castro Alves fazia aparições noturnas no velho casarão do Ginásio Ipiranga, resolvestes, com dois colegas, passar uma noite na sala de aulas que era precisamente o quarto em que o poeta se extinguiu. Não vistes a radiosa aparição porque fostes vencido pelo sono. Mas Castro Alves vos tem surgido ao longo de vossa existência. Escrevestes dois livros sobre ele e, em vários outros, é sensível sua inspiração. Não será, pois, descabido concluir avivando a lembrança tutelar.

Como Castro Alves, vós vos defrontastes com servidões e também generosamente vos levantastes contra elas. Em vossa luta, poderíeis também apostrofar o *Deus dos desgraçados*, já que um de vossos representativos personagens exclama, transtornado com a existência do mal: "Onde é que está Deus?" — Assim, por sobre o mundo conhecido de vossos romances em que, em nome dos desfavorecidos, procurais içar a bandeira da liberdade, paira, não uma única, é verdade, mas entre outras uma grande presença, a de *Castro Alves*. Uma evidente afinidade liga dois filhos da mesma terra, o poeta e o romancista mais populares do Brasil.



DISCURSO DE AGRADECIMENTO

DISCURSO

Jorge Amado

No que a mim pessoalmente se retere, esta festa, onde sou cumulado de honra ao receber o título de Doctor Honoris Causa concedido pela Universidade Federal da Bahia, resulta de uma conspiração de amizade — não sendo douto, não sou merecedor.

Apenas um contador de histórias do povo baiano, minhas universidades foram as cidades e os campos de nosso vasto território físico e humano — a cidade da Bahia em sua mágica realidade; as roças de cacau, a grandeza grapiúna nascida no sangue; o sertão, a seca, o latifúndio, a fome, a injustiça, as armas pobres dos cangaceiros e beatos. O que sei aprendi na convivência com o povo nas ladeiras e becos da cidade bem-amada, nos caminhos do cacau e da caatinga, numa intimidade que se fortaleceu e ampliou no passar do tempo permitindo que eu me sinta carne e sangue, voz e contingência, intérprete e arauto de suas lutas e esperanças.

Escritor sem outro ofício, encontro-me ligado à Universidade Federal da Bahia através dos laços da responsabilidade comum pelos destinos da cultura desde que um grande homem de nossa terra, o Reitor Edgard Santos, cujo nome pronuncio com respeito e saudade, me demonstrou que a existência e a obra da Universidade são obrigações de todos aqueles que se ocupam com a cultura e o povo.

Na Bahia, toda a criação provém do povo, de sua graça e de sua força, da civilização por ele aqui construída numa saga sem exemplo.

Aqui a obra de arte — a literatura, a música, as artes visuais, o cinema, a dança, o teatro — nasce sempre da raiz popular e se afirma à proporção em que se mantém fiel à condição mestiça da civilização resultante da mistura, da fusão, do amor de raças diferentes na luta implacável contra o racismo.

Vale a pena recordar essa constante de nossa formação nacional e a estreita ligação dos escritores e artistas com o povo, num momento em que, como resultado de longa e nefasta contingência política, paira sobre o trabalho dos criadores a sombra de uma tendência sumamente elitista — negação de nossa personalidade e de nossa condição humana. A partir de Gregório de Matos até os dias de hoje, o herói da literatura brasileira foi sempre o povo, característica que dignifica livros e autores. Nos últimos anos, alguns literatos e inúmeros sub-literatos, indigestados com teorias mal digeridas em traduções ruins, tentam fazer da classe média — melhor dito tentam fazer de certa intelectualidade pequeno-burguesa, culturalmente subdesenvolvida e colonizada, o herói exclusivo da ficção e do poema, pobre ficção, mesquinho poema. Tentam descaracterizar o povo, negá-lo como se fosse possível medir a estatura do homem brasileiro com o metro dos artificios e desesperos de grupos burgueses e pequeno-burgueses em crise.

Nessa batalha entre a cultura nascida do povo e construída a seu serviço, de um lado, e de outro as teorias que a negam e buscam degradá-la, que repudiam os valores básicos de nossa formação, das conquistas obtidas em luta sem quartel, cabe à Bahia, aos artistas e escritores baianos, à Universidade, a obrigação de defender os fundamentos da civilização mestiça aqui forjada.

Civilização mestiça, desejo repetir, pois creio que se de alguma coisa podemos nos orgulhar, nós brasileiros, nós baianos, é da condição mestiça da civilização, da cultura que construímos. Aqui, na Bahia, se iniciou o processo de mistura e fusão de raças, possibilitando que a nação brasileira se formasse na luta contra o racismo, contra os preconceitos, para que nossa fisionomia nacional fosse feita de cordialidade, de amor à paz e à convivência, de estima generosa pelos que aportam em nossa pátria vindos dos mais diversos quadrantes e se fazem brasileiros; por vezes dos melhores.

A força dessa civilização mestiça é tão evidente e poderosa que os brasileiros de primeira geração, filhos de imigrantes, e os próprios imigrantes em sua imensa maioria, dela se apossam, rendidos à atração e ao encanto, à amplitude do humanismo de uma cultura nova e viva, fraterna. Tão evidente e poderosa na Bahia que podemos citar entre os seus expoentes não apenas baianos aqui nascidos, o compositor Dorival Caymmi, o cineasta Glauber Rocha, mas também criadores vindos de outras terras para se fazerem mestres da cultura baiana, o pintor Carybé, por exemplo.

Também os valores maiores que estão na base de nossa civilização, são atualmente contestados, discutidos por grupos racistas dos mais diversos contornos, alguns deles encapuçados sob disfarces radicais. Contudo, é bem fácil constatar que não existe outra solução para o terrível problema de raças, fator de guerra e de opressão, além da miscigenação, da mistura. Que outra saída pode ser apontada e aceita como solução justa e definitiva? Nenhuma, nenhuma outra além dessa que nós brasileiros, que nós baianos, temos proclamado e praticado.

Contra nossa luminosa face nacional, contra os valores democráticos de nossa cultura, levantam-se adversários os mais solertes, movidos por interesses quase sempre inconfessáveis. São aqueles que apresentam, para aprovação forçada pelo Parlamento, projeto de lei de um novo, ignóbil e monstruoso estatuto para os estrangeiros, onde se nega, abandona e rejeita nossa maneira fraterna de viver e conviver; são aqueles que desejam substituir nossa tradicional cordialidade pela violência; são os que buscam estabelecer fronteiras de ódio entre brancos e negros, europeus e asiáticos, **árabes e judeus** como se de nossa contínua mistura, sempre crescente, não resultasse a nação brasileira cada vez menos branca e menos negra, menos européia e menos asiática, menos árabe e menos judia, cada vez mais brasileira.

Mais poderoso porém, do que os tolos, os pedantes, os violentos, os racistas, os desesperados, os agressores da liberdade e da justiça, os que temem a democracia e desejam o terror, mais poderoso é o povo que supera e vence as limitações, enfrenta as

terríveis condições de vida e marcha em frente, para o futuro. Eu o afirmo dessa alta tribuna da Universidade Federal da Bahia, e posso fazê-lo porque sou parte desse povo e sei de sua verdade inteira.

Creio ter sido esse o motivo porque os meus amigos — e a amizade é a única riqueza que possuo — conspiraram para que me fosse outorgada tão grande honraria. Levaram em conta o fato de que em minha obra de escritor, o povo baiano ou seja o povo brasileiro, sua realidade dramática e sua esperança imorredoura, a alegria, a dor, a fome, a opressão e a luta pela liberdade são o enredo das histórias que eu conto desde há cinqüenta anos. Nada mais tenho sido nem desejei ser do que intérprete da invencível humanidade baiana.

Ao vos dizer muito obrigado, desejo agradecer antes de tudo ao poeta Hélio Simões, Professor Emérito da Universidade da Bahia, meu colega de colégio, meu companheiro de literatura, amigo da vida inteira, autor da proposta para que me concedessem o título que ora recebo, e ao professor Cláudio Veiga que se deu ao trabalho de estudar e analisar minha literatura em discurso tão generoso e, por fim, ao Reitor Macedo Costa que cuidou da realização deste ato como se fosse uma festa sua, pessoal. Ritos de gentileza do povo da Bahia que nos cabe respeitar, amar e conservar. Muito obrigado.



Composto e impresso na
Gráfica Universitária
Salvador - Bahia